

Invisibilização indígena no contestado e suas representações nos museus da região

Gabriel Tozatto Pires¹
Flávio Braune Wiik²

Resumo: A Guerra do Contestado (1912-1916) constituiu no ápice de um longo conflito agrário e territorial envolvendo os estados do Paraná e Santa Catarina. Trata-se de um evento histórico marcado por múltiplas origens. A presente comunicação, faz parte de uma pesquisa etnográfica e histórica mais ampla em andamento, cujo objetivo é inferir sobre representações acerca dos indígenas a partir de elementos expostos ou encontrados nos acervos de museus da região que tangenciam a Guerra do Contesto. Os resultados preliminares ratificam a marginalização e ocultamento da presença e história indígena na região, tanto em seus acervos quanto em suas descrições museológicas.

Palavras-chave: Guerra do Contestado; Invisibilização Indígena; Representação; Museus.

Abstract: The Contestado War (1912-1916) was the culmination of a long agrarian and territorial conflict involving the states of Paraná and Santa Catarina. It is a historical event marked by multiple origins.. This paper is part of a broader ongoing ethnographic and historical research project that aims to infer representations about indigenous peoples from elements displayed or found in the collections of regional museums related to the Contestado War. Preliminary results confirm the marginalization and concealment of indigenous presence and history in the region, both in their collections and museological descriptions.

Keywords: Contestado War; Indigenous Invisibility; Representation; Museums.

1 INTRODUÇÃO

A Guerra do Contestado trata-se de um evento histórico marcado por múltiplas origens. Suas causas, motivações sociopolíticas e econômicas, assim como a complexa teia de agentes nele envolvidos e seus desdobramentos contemporâneos, têm sido objeto de estudo dos vários campos de conhecimento das Ciências Humanas. Porém, apesar da presença milenar de indígenas na região do Contestado,

¹ Graduando em ciências sociais na Universidade Estadual de Londrina, gabriel.tozatto@uel.br

² Doutor e Professor associado a Universidade Estadual de Londrina, flaviowiik@uel.br

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

os impactos sobre os mesmos e considerações sobre a sua participação no Conflito têm sido sistematicamente invisibilizadas e deliberadamente ocultadas, sejam nos estudos acadêmicos ou no imaginário social da região³. O propósito deste texto é chamar a atenção para a invisibilidade indígena na região, resultante das poucas pesquisas focadas na participação indígena na guerra e na ausência de representações acerca dos mesmos nas informações e nos objetos expostos nos museus dedicados ao evento.

Para contextualizar: na região do Contestado, pesquisas arqueológicas indicam que indígenas Jê meridionais (que deram origem aos Kaingang e Xokleng) iniciaram suas migrações para o sul do Brasil há aproximadamente 3 mil anos (Urban, 1992), embora a presença de ocupação humana seja muito anterior a essa data⁴.

Wiik e Muchalovski (2023) mencionam que, além das especulações sobre a existência de indígenas no território, há relatos sobre sua participação ativa no conflito, tanto na proteção aos caboclos rebelados quanto na adesão efetiva aos redutos. Os autores relatam também que, logo após a Batalha do Irani, em outubro de 1912, houve casos de caboclos que se refugiaram entre os Kaingang, destacando a sobreposição dos redutos com áreas de presença indígena. A dificuldade do Exército em distinguir os diferentes grupos étnicos resultou na negligência, nos documentos produzidos, em distinguir e tipificar adequadamente os coletivos humanos que aderiram ao Movimento (Wiik, Muchalovski, 2023).

Partindo da visão de que os museus devem ser considerados ferramentas educativas, permitindo que os visitantes os vejam como documentos que oferecem múltiplas perspectivas, em vez de uma única visão da realidade. É essencial reconhecer que o museu assim como outras fontes documentais, apresenta um ponto de vista específico. No entanto, a abordagem educacional dentro do museu deve incentivar a reflexão crítica sobre os temas exibidos e sobre o papel do museu como espaço de criação de conhecimento (Pereira de Matos, 2014).

Ao discutir a invisibilidade indígena na Guerra do Contestado e analisar as exposições dos museus tendo como base a tese de doutorado de Silva (2017), visto

³ Para mais informações a respeito da Guerra, ver A Guerra do Contestado Timtim por Timtim (2023)

⁴ Mais sobre a ocupação indígena na região em Tomassino (1995)

que existem poucas fontes de informações disponíveis acerca dos acervos. Este artigo se propõe a fomentar o seguinte questionamento: as representações acerca dos indígenas nos museus dedicados ao Contestado expõem sua participação na região e na guerra, ou se resumem a breves descrições, como nos documentos acerca do conflito?

2 INVISIBILIDADE INDIGENA NO CONTESTADO

[...] o que me parece mais importante destacar é que havia ocupação sedimentada e pluralidade étnica na região do Conflito bem antes da chegada de contingentes não autóctones à mesma. Havia lavoura, fabricava-se 70 instrumentos, roupas, acessórios para caça, pesca e armazenamento de alimentos. Fabricava-se cerâmica, construía-se aldeias, casas. Havia coletas, praticava-se caça... Enfim, todas essas intervenções sobre e com o meio físico, eram mediadas por instituições (antropologicamente falando, tais como: parentesco, conhecimentos de várias ordens, regras, etc.). Não se tratava de uma região marcada por um “vazio demográfico” como capciosamente feito imaginar pelos poderes instituídos (Wiik, 2018, p. 69-70).

Os povos indígenas da região do Contestado, principalmente os Kaingang e Xokleng (definidos pela nomenclatura etnológica como sociedades Gê Meridionais), possuem uma extensa história de interação com os europeus desde os primeiros contatos. Os Carijó (Tupis-guaranis), por exemplo, inicialmente mantiveram uma relação amistosa com os europeus no início da colonização, mas foram subsequentemente escravizados e dizimados por doenças, conflitos e perda de território (Buba, Nötzold, 2014).

As relações entre caboclos⁵ e indígenas durante o período do Contestado foram marcadas tanto por cooperação quanto por conflitos. Buba e Nötzold (2014) trazem evidências de convivências pacíficas entre indígenas e caboclos, mas também de violência, evidenciando a visão negativa que grande parte das pessoas possuíam em relação aos indígenas. Além disso, a erva-mate, um produto de grande

⁵ O caboclo do Contestado é descrito como resultado da mistura étnica de indígenas, brancos e negros que se estabeleceram na região do Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, formando suas famílias e desenvolvendo um modo de vida próprio (Gross, 2017).

importância econômica, era tradicionalmente consumida pelos indígenas antes de ser explorada comercialmente pelos caboclos e colonos.

Os povoados começaram a crescer com a abertura de caminhos para o transporte de gado, trilhas estas abertas pelos indígenas guaranis trazidos de São Paulo como escravos (Gross, 2021). O governo provincial adotou várias medidas repressivas contra os indígenas, incluindo o uso de tropas de bugreiros para atacar suas aldeias. Estes métodos eram frequentemente violentos e visavam remover os indígenas de suas terras para dar lugar aos colonos europeus e ao desenvolvimento econômico (Buba, Nötzold, 2014).

A historiografia tradicional sobre a Guerra do Contestado tende a omitir a presença e o papel dos indígenas. Autores como Paulo Pinheiro Machado e Marli Auras mencionam os indígenas apenas de forma tangencial, destacando a necessidade de uma revisão crítica que reconheça o protagonismo indígena no conflito (Buba, Nötzold, 2014).

A categorização generalizante dos indígenas como "caboclos" ou "sertanejos" contribuiu para sua invisibilidade. Os indígenas eram frequentemente referenciados com termos pejorativos como "bugres", "selvagens" e "selvícolas" (Wiik, 2018). A ausência de distinção clara entre "caboclos" e "índios" nas narrativas oficiais e acadêmicas da época ajudou a apagar a presença indígena das discussões sobre o Movimento do Contestado. Essa estratégia facilitou a expropriação de suas terras e a tentativa de assimilação forçada dos indígenas através do casamento com não-indígenas e a introdução de técnicas agrícolas, transformando-os em "caboclos aculturados".

Essa categorização superficial e intencionalmente simplista não reconheceu as especificidades socioculturais dos indígenas, contribuindo para uma narrativa histórica que marginalizou e obscureceu a verdadeira participação e impacto dos povos indígenas no movimento (Wiik, 2018). Segundo Munduruku (2010), a preservação da identidade indígena é fundamental para o reconhecimento étnico, no entanto, a adaptação e a convivência em condições de igualdade com a nossa sociedade são frequentemente percebidas como uma renúncia a própria identidade.

A Guerra do Contestado teve impactos profundos sobre os modos de vida e os territórios indígenas. A construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, por exemplo, invadiu territórios tradicionais, consequente esbulho de terras a eles destinadas, resultando em conflitos violentos e na morte de muitos indígenas (Wiik, Muchalovski, 2022). À exemplo, Kaingangs da Terra Indígena Xaçecó, em Santa Catarina, sofreram profundas transformações socioculturais como resultado desse processo de esbulho de seu território, assim como convivência forçosa com demais segmentos sociais não indígenas que foram sistematicamente ocupando espaço em sua cosmologia, conhecimento tradicional, a exemplo, a adoção de práticas e elementos religiosos presentes entre os caboclos do Contestado, e sua devoção a São João Maria e demais elementos do catolicismo rústico, que ao final foi amalgamado ao xamanismo (Wiik, Muchalovski, 2022).

A invisibilização e ocultamento dos indígenas na narrativa histórica da Guerra do Contestado é um claro reflexo das políticas indigenistas e atitudes da época, as quais marginalizaram sua contribuição para com a vida social e econômica locais, assim como a identificação das estratégias de resistência autóctones e sua influência sobre o *ethos* caboclo.

3 OS MUSEUS DO CONTESTADO

Essa pesquisa se dá como um desdobramento a parte de outra pesquisa ainda em andamento, sobre memória e identidade através do museu histórico e antropológico da região do contestado, em Caçador (SC) e se propõe a chamar a atenção para essas representações indígenas dentro do espaço dos museus. Durante o levantamento prévio realizado, foram considerados as informações disponibilizadas on-line, nos sites dedicados aos museus, artigos e a tese de doutorado de Silva (2017)

Os museus que possuem os maiores acervos sobre o Contestado. De acordo com Silva (2023), esses museus são: o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, em Caçador; o Museu Histórico Thiago de Castro, em Lages; o Museu Histórico Antônio Granemann de Souza, em Curitiba; o Museu Histórico de Santa

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Catarina, em Florianópolis; o Museu do Patrimônio Histórico de Três Barras, no município homônimo; e o Museu do Jagunço, em Fraiburgo, todos em Santa Catarina. No Paraná, embora a Guerra do Contestado seja relativamente esquecida, alguns espaços de memória ainda sobrevivem, como o Museu de Palmas e o Museu Paranaense⁶.

A começar dos museus que não possuem exposições indígenas, localizado no antigo prédio da prefeitura de Curitiba, o Museu Histórico Antônio Granemann de Souza foi inaugurado em 1973. O museu contém um acervo que destaca a história local, incluindo a época dos tropeiros e a Guerra do Contestado, oferecendo um panorama sobre a história da região, não foram encontradas informações sobre objetos ou descrições sobre indígenas (Silva, 2017). Recentemente, fora publicado um texto sobre a história dos indígenas Kaingang na região de Curitiba no site do museu e ainda não há informações se trechos desse texto estão expostos no museu (Popinhaki, 2024).

Fundado em 1980, o Museu do Patrimônio Histórico de Três Barras está localizado na antiga estação ferroviária da cidade desde 1997. O museu preserva a memória da região e da companhia madeireira Lumber, com um acervo que representa a vida e a cultura locais através de sua arquitetura e objetos históricos, também não possui exposições sobre indígenas (Silva, 2017).

Inaugurado em 2003, o Museu do Jagunço está localizado a 24 km de Fraiburgo. Este museu dá destaque aos caboclos da Guerra do Contestado, exibindo depoimentos, fotografias e objetos que retratam a vida dos participantes do conflito, (não mencionando os indígenas, pois como já dito, eram resumidos como sendo caboclos) e seus descendentes, representando a memória da luta e das tradições locais, mas também não há exposições indígenas (Silva, 2017).

No Museu Paranaense, existem objetos indígenas em seu acervo, mas estes não estão necessariamente ligados ao contexto indígena no Contestado, e abrange muitas áreas, como antropologia, zoologia, botânica, mineralogia e arqueologia, refletindo a rica história natural e cultural do estado do Paraná (Silva, 2017) (Museu Paranaense).

⁶ Para descrições detalhadas dos museus da região, ver Silva (2017).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Situado no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, o Museu Histórico de Santa Catarina foi fundado em 1986. O museu é focado na história política do estado, abrigando móveis e objetos relacionados ao exercício do Poder Executivo, portanto, sem exposições indígenas. Em 1959 houve uma tentativa de criar o Museu Histórico e Antropológico de Santa Catarina, que além de contar a história de Santa Catarina, também se dedicaria às escavações arqueológicas e artefatos de povos antigos (indígenas), mas o projeto não foi continuado (Silva, 2017).

O Museu Histórico Thiago de Castro, em Lages, surgiu a partir da coleção particular de Danilo Thiago de Castro, iniciada em 1937, e foi aberto ao público em 1960. O museu possui uma vasta coleção de mais de 48 mil itens, incluindo fotografias antigas e daguerreótipos, que representam a história de Lages e seus habitantes. O museu tem “objetos de interesse arqueológico e etnológico” (Silva, 2017, p. 226), mas o autor não se aprofunda muito, o que pode se deduzir que o museu também não possui descrições precisas sobre os objetos que talvez sejam ou não indígenas.

Apesar de contar a história de Lages e seus habitantes, as exposições não levam em conta que após a fundação da cidade em 1777, surgiram fazendas de criação de gado, exploração e cultivo de erva-mate e extração de madeira. Essas atividades econômicas impactaram a mata nativa de araucária, que era uma importante fonte de alimento para os índios Xokleng e Kaingang durante o inverno. A diminuição das áreas de pinheirais ameaçou a sobrevivência dessas sociedades caçadoras e coletoras, que dependiam da floresta para sua subsistência (Wiik, 1999).

Sobre os museus que possuem algum tipo de exposição a respeito dos indígenas no contestado. O Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, situado em Caçador, está localizado em um edifício cuja arquitetura é uma réplica da primeira estação ferroviária de Rio-Caçador e foi construído em 1986 (Crestani, Guedes, 2016). O museu tem como objetivo “documentar, restaurar, preservar e guardar viva [sic] a memória e a cultura do Contestado, e ser fonte permanente de pesquisas, visando a construção do conhecimento histórico e transmissão da herança cultural do Contestado” (Thomé, Chapiewski, 2004, p. 166).

O acervo não se restringe somente à guerra do Contestado, embora esta seja seu principal atrativo. A partir do núcleo antropológico inicial, o acervo aborda a guerra em si, e segue com a colonização iniciada em 1917. No entanto, a ocupação do território antes da guerra não é coberta, exceto pela presença indígena, que é uma exceção (Silva, 2017), porém, ainda encontra algumas limitações nessa presença indígena representada, como será mostrado adiante.

O museu abriga quatro nichos expográficos: ferrovia do Contestado, imigração e colonização, uma sala dedicada à Guerra do Contestado e outra dedicada à cultura indígena. Sobre esta última:

Os diários de campo dos pesquisadores ainda não foram encontrados, fato que pode explicar, em parte, a falta de informações de algumas peças arqueológicas expostas na sala. A exposição não deixa claro que antes da construção da estrada de ferro havia a presença, no Planalto Catarinense, de grupos indígenas xoclogues e caingangues [...] esses grupos tinham os seus próprios meios de subsistência, seus rituais, enfim, sua sociabilidade, porém os vestígios dessas vidas encontram-se em exposição no museu sem a devida contextualização. A exposição apenas apresenta os ramos indígenas da região com legendas que se limitam a descrever o nome do objeto e sua função. Sem o serviço de mediação, esses objetos são apenas “dos índios”. Considerando que há acervo não pertencente à região do Contestado nessa sala, a cultura indígena da proposta não fica clara na exposição. (Crestani, Guedes, 2016, p. 169)

Aqui podemos ver a invisibilização dada aos indígenas no ambiente do museu representados pela escassez de informações. A instituição ainda parece estar presa aos preceitos políticos e culturais de décadas passadas, o que se reflete em sua forma de exposição (Crestani, Guedes, 2016), o mesmo pode ser aplicado a todos os museus descritos aqui.

O Museu Histórico de Palmas foi inaugurado em 1979 e está situado no último casarão histórico da praça central da cidade. Este museu preserva a história dos pioneiros da região, com destaque para as grandes fazendas, tropeiros e coronéis, além de apresentar aspectos da cultura indígena, ou seja, a presença indígena foi reconhecida, mas isso ocorreu sem que se revelasse a violência histórica dos encontros entre as tribos e os bandeirantes paranaenses (Silva, 2017).

Com a descrição feita até aqui, podemos ver que há um claro ocultamento e marginalização da presença indígena nos museus dedicados à Guerra do

Contestado, tanto em Santa Catarina quanto no Paraná. A ausência de contextualização adequada dos objetos indígenas e a falta de destaque à participação dos mesmos no conflito refletem a escassez de pesquisas acerca do assunto e o desinteresse institucional em representar de forma justa e completa a história desses povos, com as informações que já foram compartilhadas em pesquisas. Essa negligência perpetua a invisibilidade cultural e social dos indígenas, comprometendo a preservação de sua memória e identidade.

Pierre Nora (2003) diz que os lugares de memória são espaços onde o passado é reinterpretado pelos interesses do presente, ou seja, em relação aos museus do contestado, “as coleções ditaram a memória a ser lembrada.” (Silva, 2017), e como os indígenas não estão representados, eles são invisibilizados e ocultados no conhecimento das pessoas sobre o evento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É essencial que os museus revisitem suas exposições e descrições, oferecendo uma mediação que destaque a relevância dos indígenas na história da Guerra do Contestado. Ao reconhecer e corrigir essas lacunas, como por exemplo, expor informações sobre o papel dos indígenas no contestado, de acordo com as pesquisas que já foram realizadas sobre o assunto, como mostradas nesta pesquisa, para que esse conhecimento ultrapasse os espaços acadêmicos e se expanda junto à sociedade como um todo, e fomenta novos questionamentos e pesquisas sobre o assunto. Dessa forma, cumprirão o seu papel como dito no início de incentivar a reflexão crítica sobre os eventos e suas representações (Pereira de Matos, 2014).

Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a análise das práticas museológicas e proponham estratégias para uma representação mais equitativa dos povos indígenas, seu papel, e presença no Contestado, garantindo que suas contribuições e experiências sejam visivelmente integradas ao patrimônio cultural exposto nos museus.

Para que isso ocorra, é imperativo que sejam conduzidas mais pesquisas focadas na presença indígena na região durante a época em questão, posto que a

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

história indígena do período se sobrepõe à do Contestado, impactando, mesmo e apesar das especificidades socioantropológicas e político-econômicas que marcavam tanto a população cabocla, que liderou a resistência, quanto a população indígena, ambos os grupos sociais estavam no mesmo tempo e espaço onde o conflito transcorreu, vivendo sob ameaças comuns dadas por sua marginalidade social e esbulho de terras tradicionalmente ocupadas. De igual maneira, a diáspora indígena não alocada nas diminutas Terras Indígenas da região, continuam a ocupar espaços e status marginais até atualidade, invisibilizados e ocultados, cuja memória coletiva relativa à identidade étnica e ancestralidade lhes fora deliberadamente forjadas.

REFERÊNCIAS

BUBA, N. M.; NÖTZOLD, A. L. V. Contestado: A questão indígena na região do conflito. Florianópolis: **Anais do XV Encontro Estadual de História** “1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado”, 2014. Disponível em: https://www.encontro2014.sc.anpuh.org/resources/anais/31/1403877915_ARQUIVO_ARTIGOANPUH-2014.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

CRESTANI, L.; CAMARGO GUEDES, S. P. L. DE. O Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado e as representações sobre a Guerra do Contestado. **Revista Confluências Culturais**, v. 5, n. 2, p. 163, 30 set. 2016.

GROSS, C. A invisibilização do povo caboclo de Santa Catarina. In: **Congresso Brasileiro da Guerra do Contestado**; Colóquio de Geografias Territoriais Paranaenses e Semana de Geografia da UEL, 2021, v. 2, p. 272-296, 17 fev. 2021.

GROSS, C. Rupturas e permanências de uma população tradicional no pós-guerra: o caboclo do Contestado. **Geografia**, v. 26, n. 1, p. 158–158, 25 jul. 2017.

MUNDURUKU, D. **Mundurukando**. 1. ed. São Paulo: UK'A, 2010. 96 p.

Museu Paranaense. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br>. Acesso em: 22 jul. 2024.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PEREIRA DE MATOS, I. A. Educação museal: o caráter pedagógico do museu na Construção do conhecimento Mestre em Educação Isla. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, n. 1, p. 93–104, 2014.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

POPINHAKI, A.C. **KAIGANGS**. Museu Histórico Antonio Granemann de Souza, 2024. Disponível em:
<https://museuhistoricoantoniogranemanndesouza.blogspot.com/2024/07/kaingangs.html>. Acesso em: 22 jul. 2024.

SILVA, L. C. **Museus do Paraná e Santa Catarina**: formas de lembrar e esquecer a guerra sertaneja do Contestado (1912-2012). Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.

THOMÉ; CHAPIEWSKI, M. Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado. **Revista HISTEDBR** On Line, São Paulo, n. 16, dez. 2004. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5236/img4_16.pdf

TOMMASINO, K. **A história dos Kaingáng da bacia do Tibagi**: uma sociedade Jê meridional em movimento. 1995. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-27102016-121947/pt-br.php>
Acesso em: 15 jul. 2024.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In Cunha, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios no Brasil**. p. 87-102, São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP.

WIJK, F. B. Invisibilidades indígenas e o Contestado: ilações exploratórias e preliminares orientadas à estudos e pesquisas em antropologia histórica. In: **TEMPOS DE MUITO PASTO E POUCO RASTRO**. São Paulo: LiberArs, 2018. p. 61-81.

WIJK, F. B. Xokleng, 1999. Disponível em:
<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xokleng>. Acesso em: 18 jul. 2024.

WIJK, F. B.; MUCHALOVSKI, E. G. Conflitos pela terra e os índios no vale do Timbó (SC): inferências acerca do protagonismo indígena no movimento do Contestado. In: LINO, J. T.; BRIGHENTI, C. A.; WIJK, F. B. (Org.). **História indígena no Sul do Brasil**, século XX: novos estudos nos campos de saberes decoloniais. Naviraí: Aranduká, 2022.

WIJK, F. B.; MUCHALOVSKI, E. G. No mesmo tempo e no mesmo espaço: a propósito da (in)visibilidade indígena no Contestado. In: RODRIGUES, R. R. et al. **A Guerra Santa do Contestado Timtim por Timtim**. [S.l.]: Letra e Voz, 2023, p. 69-76.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná